



Volume 1

PRÓLOGO

“Não sabeis-vos que sois Deuses” - Hermes Trismegisto

- O diabo está nos detalhes, George me disse, enquanto escrevia as crônicas de gelo e fogo... Errou pouco, pois ele está em cada um deles.

- Ei, você chegou! ... Me pegou filosofando, faz tanto tempo que ninguém me visita, mesmo eu já sabendo que você viria uma hora ou outra, me enche de alegria abrir as portas deste meu humilde e empoeirado ateliê para mais um espírito em busca de conhecimento sobre a história do que hoje conhecemos por humanidade.

- Eu sei, eu sei, jovem criatura... a vida atualmente na Terra não está fácil... É um plano intenso e tumultuado. Muitas vezes já foi cruel com você ou com as pessoas que mais ama, por isso, não espere mais, entre, aquiete-se, acalme-se, pare um minutinho de pensar na densidade da dimensão em que habita, respire e perceba o caminho que o ar percorre dentro de seu veículo físico, ou corpo, como vocês gostam de chamar... Se algum pensamento povoar seu consciente, deixe-o ir, sem pressa e sem pausa... Seguiremos com nossa conversa por muitas páginas, busque um lugar confortável e se prepare, pois, a viagem está só começando...

Provavelmente, você já deve saber, muitos pelo cosmo me chamam de Vovó Destino... Ah, quanta saudade!... Este apelido já me rendeu boas risadas! ... Se eles soubessem que o fio que tece o destino é tão frágil quanto os ossos deste meu velho corpo... provavelmente, me chamariam de Vovó Realidade.

- O que você disse? ... Sim, sim, desculpe perder o foco, sei que você veio até mim para ouvir a história, mas antes de te contar, preciso te mostrar rapidamente o que aconteceu em um Planeta não tão distante daqui...

Hoje em dia, vocês estão chamando-o de Marte, mas naquela época, seus habitantes o chamavam de Maeven. Lá não era tão diferente da Terra, um planeta lindo, maravilhoso, com oceanos, florestas e rios, a fauna abundante e diversa, a vida consciente prosperava e as sociedades Maevianas estavam em seu ápice do conhecimento tecnológico, mas algo aconteceu e isso não mudou somente o planeta deles, o que estava por vir vos afetaria também, profundamente.

Mantive um ateliê por lá alguns anos e conheci muitos de seus nativos. Desde que eles chegaram em grande número neste planeta, fiz muitos trajes e vestimentas iguais aos que confeccionava em Maeven, alguns foram bons clientes durante anos, outros até se tornaram grandes amigos, e eu, confesso, nunca havia costurado nada igual antes... Imagino que quando chegaram em Mater, eles queriam se sentir mais próximos de casa e eu era a única aqui capaz de costurar as roupas que eles usavam no planeta natal, dava pra ver na cara deles...

Quando eu começava a trabalhar, eles logo se sentavam e teciam horas de histórias pessoais de como era a vida em Maeven, bem antes do experimento que os forçaram a vir morar aqui em Mater... Bons tempos... Ah, você deve estar se perguntando onde fica Mater, não é? Bem, fica aqui mesmo... É assim que chamávamos a Terra há muitos, muitos anos atrás.

A nossa história não é exatamente o que vocês pensam, muitas coisas que nos fizeram acreditar que é verdade, simplesmente não são, mas ainda não chegamos no momento de abordar isso, mesmo assim, fica aqui meu pequeno *spoiler* dos próximos capítulos... Por enquanto, eu gostaria de detalhar melhor os últimos dias de Maeven através da perspectiva de Nix, que era apenas um garoto quando viu seu planeta virar o deserto vermelho que conhecemos hoje.

Um pequeno detalhe, antes de começar de fato, vou tentar adaptar a linguagem dos povos que descreverei ao longo da história aos jargões e trejeitos modernos da Terra atual... Vamos lá?

- Mãe, quando vai sair o almoço? Nix gritou de dentro do seu quarto, enquanto finalizava uma pequena prova sobre técnicas de persuasão em interrogatórios. Ele tinha ganhado de seu pai há poucos meses um desses óculos de realidade virtual e lá ele participava de aulas teóricas e provas práticas.

- A sua irmã deve chegar com o assado logo, garoto, continue fazendo sua tarefa, disse a mãe.

- Pode deixar... Estou quase terminando.

Nix colocou os óculos novamente e retomou seu interrogatório simulado por inteligência artificial.

Em Maeven, as crianças são educadas em casa até completar a idade adulta, quando ingressam em um trabalho comunitário e iniciam sua participação nas relações sociais. Nix tinha acabado de completar 25 anos. Em cinco se tornaria adulto.

Jovem criatura que me escuta, esqueci de dizer que neste planeta as pessoas morriam, em média, com 150-200 anos. Eu cheguei a conhecer uma Maeviniana de 237 anos, quando trabalhava como costureira para os mestres ascensionados.

Ele estava estudando e se preparando para trabalhar em o que vocês conhecem como polícia, cuja finalidade era garantir a segurança pública por meio do monopólio da força, poder este que pertencia ao governo planetário Maeviano, liderado por Samael LVIII.

Vamos voltar a história do Nix antes que eu me perca novamente em detalhes irrelevantes no momento...

- Filho, posso entrar? Ele ouviu a voz abafada, vindo de trás da porta de seu quarto.

- Fica à vontade mãe, respondeu, enquanto pausava a atividade e retirava os óculos.

- Escuta aqui, querido, ela disse com olhos negros brilhantes em um semblante de preocupação... Acabei de receber uma ligação do seu pai, o experimento do governo está gerando consequências horríveis para nosso povo... Parece que a guerra está chegando nas áreas urbanas!

Nix percebeu que algo estava errado. Apesar da destruição e guerra que seu planeta tinha passado nas últimas décadas, devido sua raça ter se tornado predominantemente lógica, com o lado direito do cérebro extremamente desenvolvido, sua mãe nunca deu muita importância para as consequências do experimento. Seu pai era ministro da defesa de Maeven... Não havia o que temer!

- Mãe, estamos na capital do planeta, eles não são loucos de trazer a guerra até aqui, ele respondeu, se aconchegando em sua cadeira com as mãos entrelaçadas na nuca.

- Os planos mudaram, ela disse com a voz trêmula... Quase chorando...

Ela sempre foi tão forte, algo deve ter acontecido para estar com tanto medo, pensou Nix. Ele tinha uma admiração imensa por essa mulher. Como via seu pai raramente, foi ela quem transmitiu todos os valores que ele carregava, foi ela quem treinou ele em defesa pessoal, em gestão de crises, manuseio de armas e tantas outras atividades essenciais para a profissão que escolheu. Apesar de aposentada, ela foi a maior delegada, um termo moderno, mas semelhante a sua profissão em Maeven, que esse planeta já viu. Ela havia passado a certeza de que estavam seguros vivendo dentro da redoma onde fica a capital planetária, mesmo com as atividades do experimento estarem causando tantas consequências negativas desde antes de ele nascer.

Apesar de a história da sua mãe render um outro livro, vou me atentar aos fatos importantes para o conhecimento que você veio buscar...

De repente, interrompendo a conversa dos dois, uma luz vermelha intensa tomou conta do quarto. A energia caiu e uma penumbra acompanhada de uma vermelhidão tomaram conta do ambiente, quando uma onda de vento quente quebrou o vidro da janela, bem ao lado da sua mãe.

- Corre Nix! Não olha prá... E a voz se extinguiu, tão rápida quanto o barulho da explosão...

- Mãe!... Nix gritou com poucas esperanças de resposta.

Instantes depois, quando recuperou a consciência, um zumbido alto e doloroso preencheu seus ouvidos. O gosto de poeira do concreto destruído assentava em sua língua seca; ele estava debaixo da mesa de seu quarto; sentiu partes de sua roupa em brasas e logo bateu com a palma da mão para apagá-las. Havia queimaduras no seu

corpo, mas nada que impedisse os movimentos. E dor? Nix não sentia nada; era como se seu corpo estivesse flutuando, anestesiado.

Ele se levantou lentamente e percebeu que tudo ao seu redor estava destruído. A visão borrada de sua casa em chamas fez com que ele paralisasse. Era uma casa simples, amarela, igual a todas do seu quadrante, com uma faixa padronizada, simétrica e retangular. Quatro cômodos, três quartos, sala e cozinha. Era onde crescera e todas suas memórias pertenciam àquele lugar...

- Mãe, você está bem?... Ele disse com a voz trêmula, tossindo antes e depois devido à poeira da destruição. Sem resposta, Nix olhou em todas as direções, procurando-a na pilha de escombros que um dia chamou de casa.

- Mãe? ... Falou baixo, quase em pensamento, sem esperanças de encontrá-la com vida.

- Por favor, me responda! ... pensou Nix. Seu coração batia forte no topo do peito, ao ponto de deixá-lo enjoado com o pavor de que nunca mais ouviria a voz de Delilah. Suas mãos e pés descalços suavam desenfreadamente devido a adrenalina do momento...

- Maldito experimento, por que vocês escolheram este caminho?! ... gritou, ajoelhado nos escombros. Nix soluçava, chorando em cada respirada durante a frase. Ele estava vivo, mas não dava para dizer o mesmo de sua mãe ou das pessoas que moravam na capital. Enquanto procurava por ela, percebeu todo os arredores de onde ficava sua casa, a destruição era total, seu bairro virou uma mistura de choro, gritos, concreto, fogo e morte.

- Mãaaaae! ... Gritou de novo, desesperadamente. Foi aí que seus olhos cruzaram com o torso de sua mãe, ainda incandescente, devido ao calor da explosão. Suas roupas se transformaram em cinzas, assim como seu cabelo. O que restava era uma figura deformada, cadavérica, careca, sem pernas, cinza e morta do que um dia ele chamou de mãe. E lá ele desabou, caiu de joelhos, abraçando aquela figura quase dissolvida, murmurando...

- Não, não, não... Foi então que Nix sentiu algo tocar em seu ombro direito. Ele olhou para trás e não viu ninguém; se levantou com dificuldade; seu rosto ardia, com adrenalina baixando,. Ele passou a sentir seu corpo novamente; cada movimento era acompanhado de uma dor agonizante; caminhou alguns passos em direção ao quarto de seus pais, mas no caminho a visão começou a escurecer. Seu corpo, cada vez mais pesado, cedeu e caiu... tudo ficou preto...

Quando acordou, não sabia exatamente onde estava, nem quanto tempo tinha passado, o rosto de sua irmã imediatamente percorreu seu pensamento...

- Isha! ... Gritou desesperadamente. Lembrou que sua irmã foi ao mercado buscar um assado para o almoço há pouco tempo. Sua visão ainda estava estranha devido ao impacto da explosão, mas isso não o impediu de se levantar novamente. Limpou o sangue do rosto com o que restava de sua camisa e foi cambaleando até onde era o quarto de seus pais para procurar a pistola de calor que a família guardava em uma

cômoda. Assim que a encontrou, encaixou a arma no elástico da cintura de seus shorts e virou em direção à rua na esperança de que seu corpo acompanhasse sua intenção de chegar ao mercado.

- Não há tempo! ... Eles estão destruindo a atmosfera, logo toda superfície também estará condenada, pensou, enquanto procurava sua moto de propulsão magnética.

- Triste experimento... Nada mais importa! ... Vou atrás dela. Minha mãe já se foi e não vou fugir sem saber se minha irmã está segura. O planeta está prestes a ser totalmente destruído e esses derrotados levaram minha mãe nessa tentativa fracassada de controle. Se eu não tirar minha irmã viva desse planeta, prefiro morrer aqui.

Apesar da dor que sentia e do choque, continuou a andar, cambaleando em direção à rua para ver se sua moto ainda funcionava.

- O governo já deve estar transportando Maevianos nos seus merkabas artificiais bem perto daqui. Se espero conseguir uma vaga para nós dois, tenho que encontrá-la o mais rápido possível, pensou, enquanto seus pés o arrastavam em direção à rua...

O calor era difícil de descrever... insuportável! Quase não dava para respirar; drenava sua energia rapidamente. Mesmo com as queimaduras que sofreu no impacto da explosão enquanto procurava por sua mãe se estenderem por quase todo seu corpo, na medida que seu propósito se tornava mais claro, ele deixava de sentir dor novamente.

- Ótimo! ... Ele gritou, fazendo um gesto de comemoração quando sua moto deu partida. Na mesma hora em que colocou sua digital no console, em poucos segundos estava a toda velocidade em direção ao mercado. Sentindo o vento no rosto, atravessando a avenida principal do bairro, famosa Rua Seis, ele percebeu o desastre do experimento: casas reduzidas a pilhas de madeira, metal e concreto, corpos queimados e o cheiro, nossa, ele descreveu o cheiro da pior forma possível. Você já sentiu cheiro de pele queimada? Quando Nix me contou essa história, vi seus olhos encherem de lágrimas. Nessa parte... ele sentiu o cheiro de churrasco, sim, você imagina um cheiro agradável de domingo com a família, mas não foi o que lhe remeteu naquele momento. O cheiro de carne Maeviana queimada impregnou em sua memória e eu acho que ele nunca superou isso.. não comeu mais carne depois desse dia!

O chão tremia de tempos em tempos. Tremores fortes ao ponto de rachar o asfalto e derrubar as poucas estruturas que ainda estavam intactas: postes, placas e escombros de casas. Ele suave.. Suas roupas molhadas não secavam nem com o calor arrebatador que sentia. O incomodo era extremo: choros, gritos, som e visão de pessoas correndo e armas disparadas compunham a sinfonia do fim do mundo.

Por algum motivo, ele não parava e nem se deixava abalar. Ele tinha um objetivo ou propósito, chame como quiser, mas ia seguir em frente, independente do resultado. Seguiu a avenida, cruzando o bairro e contornou a esquerda no cruzamento onde ela terminava próximo ao mercado. Após poucos minutos, desviando de carros em chamas, corpos e pessoas semi-vivas, ouviu um grito seco, quase sem vida. Era uma garota um pouco mais velha que ele, presa debaixo de um poste, que tinha acabado de cair na

calçada. Ela foi cruelmente dividida ao meio, como naqueles truques baratos de mágica...

- Por favor me ajudem, não quero morrer aqui, disse a garota com o braço estendido em sua direção. Aquela cena ficou para trás na mesma velocidade que sua moto atravessava o deserto de sangue e fogo. Poucos detalhes eram possíveis de se perceber, porém, o rosto dela ficou gravado até o fim de sua vida.

Tudo era caos, a terra se partindo, formando grandes valas por toda parte, pessoas correndo em todas as direções. As copas das árvores incandescentes tornavam a região um cenário totalmente macabro. Somando aos corpos e gritos, fica difícil de descrever a sensação que ele sentiu no trajeto até o mercado...

Em menos de quinze minutos terrestres ele chegou. Felizmente, o mercado ainda estava de pé como um grande castelo de areia no meio de uma praia deserta. Nix não se preocupou em estacionar. Largou a moto num canteiro do estacionamento e correu em direção a entrada. Quando abriu a porta, deu de cara com uma garota alta demais para ser sua irmã. Ela não falou nada, apenas continuou a correr no meio do estacionamento. Entrou pela larga porta automática, virou à direita e ao cruzar o corredor de bebidas, viu uma sombra distante entre duas prateleiras de carnes. O indivíduo pisava com força na cabeça de um corpo que tremia em espasmos constantes. Ele pegou sua arma na cintura e correu na direção da pessoa...

- Parado aí! Levante as mãos e vire-se contra a parede agora ou vou atirar! Lembrou do protocolo policial ao dizer tais palavras e, enquanto ele se aproximava, a sombra tomou forma. Lá estava ela, chorando e descontrolada, enquanto pisava repetidamente na cabeça daquele rapaz. Ele não teve dúvida, era Isha, sua irmã mais velha.

- Isha!... Sou eu, Nix! ... Ele correu direto em sua direção. Ao se aproximar, ela notou que era seu caçula e o abraçou tão forte, que ambos caíram no chão.

- Mano, que merda está acontecendo?... ela disse com o rosto inchado pelo choro, mas com a convicção de uma guerreira em meio a uma guerra prestes a acabar.

- Eles estão destruindo Maeven, deu tudo errado, a mamãe está morta e não tenho notícias do papai, respondeu, enquanto sua irmã se levantava batendo a poeira da roupa.

- Eles devem estar fugindo, o que você quer fazer?...Isha respondeu com o olhar penetrante de sempre. Ele apontou para saída.

- Vim de moto, vamos embora daqui agora, a alta cúpula deve estar embarcando próximo ao palácio imperial. Não temos escolha, é sair ou morrer. Se não corrermos agora, vamos queimar aqui neste planeta junto com os outros!

- Vamos logo! ...Gritou Isha. E como você pretende colocar a gente fora daqui?

- Eu sei lá! Quando a gente chegar, damos um jeito de embarcar, provavelmente se mencionam o papai eles podem nos colocar lá dentro. Eles se olharam e ambos pareciam

estar de acordo com o plano; correram até a moto e seguiram direto ao local mais importante do planeta, o Palácio Imperial. Nos primeiros minutos da viagem, permaneceram em silêncio, mas Nix não conseguiu manter a boca fechada... a cena em que ele encontrou sua irmã era muito perturbadora para não perguntar.

- O que foi aquilo que eu vi quando te encontrei, Isha? ... Ele disse em voz baixa, em tom sombrio, mas atento no caminho.

- Nix, nem eu sei, aquele rapaz tentou me estuprar. Era um desses caipiras comedores de irmã, que vem aos montes trabalhar nesses sub empregos na capital. Aí, desculpem fazer vocês lerem isso, mas Isha nunca mediu muito suas palavras e também foi criada longe de todo resto do planeta. Alguns preconceitos construídos pela elite Maeviana dificilmente não deixam de afetar os jovens, ainda mais depois da situação que ela passou.

- Ele estava armado e queria me obrigar a tirar a roupa. Dizia que todos iam morrer e ele queria morrer transando... Não vou esquecer tão cedo do olhar que ele me lançou naquele momento, parecia aqueles predadores do canal animal e eu era a presa! Eu não sei direito como aconteceu, mas eu travei, fiquei paralisada! Quando ele encostou em mim, ouvi um puta estalo e ele caiu bem na minha frente. Alguém atirou nele; vi o clarão da arma, mas não vi quem foi. Ele não morreu na hora, mas estava agonizando no chão, só que a raiva dentro de mim era tanta, que comecei a pisar na cara dele e chorar. Parei quanto te vi...

- Puta que me pariu!... Maevianos não eram de falar palavrões, mas alguns jovens ainda não estavam totalmente imersos no sistema lógico e sem sentimentos da população em geral. Ainda expressavam ou sentiam emoções como vocês, humanos...

- Otário, agora aquele cérebro atrofiado dele está preso na sola da minha bota, disse Isha com um sorriso de canto de boca, apontando desprezo.

- AH, boa maninha... Nix sorriu. Ele sabia que aquela menina era a mais casca que já havia conhecido, puxou a mãe. Que sua passagem seja feita em harmonia! E assim, eles seguiram em direção à estação de embarque, flanqueando pelas laterais das ruas principais, onde o volume de carros e pessoas a pé aumentava na medida que se aproximavam.

- Ali! Olha! As naves estão decolando... Isha apontou para dois grandes merkabas mecânicos decolando em direção ao espaço.

- Olha, Isha, eles devem ter mais, não é possível! ... Nix resmungou. O calor era tanto, que dificultava até o raciocínio mais básico; tudo que ele conseguia fazer era seguir em frente em direção aquele maldito embarque. Enquanto me contava essa parte, a quantidade de pessoas aumentava, piorando a situação. Era tanta gente em pouco espaço, que dificultava eles avançarem com a moto; então, eles decidiram abandonar o veículo e seguir a pé.

- Bora mano, se chegarmos a algum soldado e dissermos quem somos, eles vão atrás do pai e botam a gente para dentro, ela disse, já correndo e abrindo espaço nos corredores de pessoas que caminhavam buscando salvação nas naves que deixavam Maeven. Eles pareciam zumbis, cambaleavam e murmuravam palavras sem sentindo em direção a pista de decolagem. Famílias, crianças de colo, idosos, jovens e caminhantes solitários formavam a multidão sobrevivente em busca do último gole de esperança do governo protetor paternalista que lhes prometeu segurança em meio ao caos das últimas décadas.

- Sim, sim, vamos! ... E ambos atravessaram a multidão, esbarrando e trombando, se espremendo em meio a tantas pessoas... o cansaço tomava conta! Ele não soube explicar direito se era apenas o calor que quase sufocava ou se era a adrenalina de correr pela vida, mas estava difícil de chegar ao local. Com o fôlego quase esgotado, eles abriram caminho entre a muvuca e contemplaram o campo de embarque...

- Fodeu...Isha disse tão baixo, que mais pareceu um pensamento.

- Fodeu pra caralho, Nix completou.

Eles atravessaram centenas, se não milhares de pessoas e quando conseguiram chegar ao final deram de cara com uma nave em chamas; soldados queimados e pessoas em pânico na linha de frente do embarque. Era a última nave e, pelo que parecia, durante o embarque dos civis e militares, o motor de energia livre sobrecarregou com o calor extremo. O combustível reserva foi atingido e a nave queimou de dentro pra fora com as pessoas e a tripulação. Eles ainda estavam embarcando passageiros, por isso, havia gente viva e morta quase que sobreposta na mesma situação, queimando e amontoada. Pessoas gritavam e corriam sem esperança, enquanto a última nave se desmanchava nas chamas. Cadáveres e vivos estavam entrelaçados indistinguíveis no acidente. A catástrofe era pior que imaginavam, apesar de alguns militares ainda controlarem o fluxo de pessoas que iam embarcar. O resto estava ou morto ou correndo desesperadamente com o corpo em chamas.

- Deu ruim, Isha... Nix olhou para ela quase sem esperança na sobrevivência dos dois. Seu olhar era triste, amargo e cheio de culpa.

– Não consegui trazer a gente a tempo... Isha estava estática, não respondeu nem reagiu à situação Ele resolveu abraçá-la... não sabia quanto tempo eles tinham de vida, então, queria se sentir próximo da única sensação de amor que ele ainda possuía por esse mundo. Na hora em que ele envolveu seus braços nela, sentiu seu abdômen ficar húmido e quente.

- Isha? ... Ele olhou para baixo e viu que a barriga de sua irmã estava alaranjada, molhada.

– Você está sangrando?! ... ele respondeu, com a voz fraca.

- Não é nada, aquele filho da puta acertou uma bala em mim no mercado. Assim que terminou a frase, ela caiu para a frente. Nix quase não teve forças para aguentar seu

peso. Sabe-se lá como ele não caiu junto e, pelo contrário, envolveu seus braços ao redor da cintura dela e a ergueu sobre o peito e ombros.

- Isha! Não dorme, fica comigo! Vamos embora daqui, vamos tentar chegar no Centro de Inteligência. Esses malditos devem ter algumas dessas naves prontas ainda.

- Sério, não morre agora, eu prometo que vou tirar a gente daqui... Isha murmurou algo, mas ele não entendeu. Sem tempo a perder, Nix resolveu não ir atrás da moto e seguiu a pé. Eram cerca de 30Km até o Centro de Inteligência. Ele tinha treinamento; nas aulas de polícia ele passou pelo teste de levar o colega ferido por campo inimigo. Fez testes que eram de 100km. Consigo 30 tranquilo, pensou. Apesar do calor, da dificuldade de respirar, das queimaduras e do desgaste, ele correu na velocidade possível com sua irmã apoiada no seu torso. Nem ele sabe como tirou forças pra isso, mas lá estava ele, se afastando cada vez mais da multidão, com um único objetivo em mente, tirar ela de lá.

Depois de alguns minutos, já estavam afastados da área de embarque. Continuou sem fôlego, sem energia, no sentido ao único local possível de salvação. Não percebeu nada ao seu redor, o fogo e destruição ficaram ofuscados. Só pensava no caminho... se concentrava na direção, mas uma ou duas horas depois, já esgotado, colocou sua irmã no chão para ver a gravidade do ferimento e retomar alguma força.

- Isha, fala comigo, por que isso começou a sangrar?

- Quando nos encontramos eu não reparei. Mesmo com a explicação da irmã, ele não raciocinava direito mais, quis se culpar, mas não havia tempo para isso. A situação era ruim, péssima, mas achar culpados não traria solução.

- A bala passou direto, eu acho. Não pegou nenhum órgão, provável que nenhuma artéria também, ela balbuciou quase sem fôlego. Isha estava a poucos meses de se formar em medicina, tinha plena noção de seu estado.

Não quero ser repetitiva, mas é sério. Estava tão quente naquele planeta, que só o fato de Isha e Nix ainda conseguirem falar era algo de se admirar! Para os padrões terrestres, Maeven ardia por volta de 65 graus. Você já sentiu a sensação de sua garganta estar tão seca ao ponto de som algum sair de lá? Bom, eles já tinham passado a tempo deste ponto! Cada palavra rasgava suas cordas vocais como cacos de vidro, descendo pela traquéia. Aqueles dois tinham mais vontade de viver que eu imaginava ser possível nessas circunstâncias!

Acho melhor fazer uma pequena pausa nessa história para esclarecer alguns pontos sobre a biologia Maeviana. Vocês, humanos, acho que é esse o termo que usam atualmente, são muito diferentes deles. Essa sociedade já vivia por pelo menos o triplo da sua. Acredito que seja algo em torno de 150 mil anos. As modificações genéticas tornaram essa espécie em algo próximo às máquinas, extremamente resilientes e pouco susceptíveis a ferimentos.

O fator de regeneração de alguém nascido em Maeven, nessa época, era três ou quatro vezes maior que o de vocês, por isso, um ferimento a bala, onde o projétil não ficou

alojado no corpo nem atingiu órgãos vitais, rapidamente era estancado devido à regeneração mais efetiva das células. Infelizmente, enquanto Isha se esforçava para abrir caminho entre a multidão, seu ferimento abriu novamente e rompeu mais tecidos se comparado ao dano original. Nesse processo, a perda de sangue, o calor e o esforço físico para saírem de lá vivos, fez com que Isha ficasse cada vez mais próxima de um colapso, com pouco sangue restante e quase zero energia celular. Ela estava quase desmaiando no asfalto da rua onde Nix parou e a colocou. Se isso acontecesse, provavelmente não acordaria mais...

- Pronto, consegui segurar o sangramento, vamos seguir caminho... Nix utilizou pedaços do tecido do restante de sua camiseta para fazer um curativo improvisado em seu abdômen. A bala entrou um pouco acima do rim, logo embaixo da última costela e saiu sem deixar fragmentos. As armas rudimentares de Maeven a base de pólvora, apesar de menos letais, podiam deixar estragos se alojadas. Comparando a sua pistola de calor, que causava um dano significativamente maior, o trajeto do feixe energético matava instantaneamente. Armas antigas, comuns aos cidadãos mais pobres, não matavam na hora, mas infeccionavam e traziam uma morte lenta na ausência de cuidados médicos. Ele sabia que podia fazer cada quilômetro em cerca de dez ou doze minutos. Se tudo desse certo no caminho, em algumas horas estariam no Centro de Inteligência.

Enquanto estudava para ser policial, muito era discutido sobre o experimento de Samael e nas aulas teóricas, Nix aprendeu que o Centro de Inteligência seria o último local a ser evacuado devido à sua necessidade logística em relação ao resto do planeta.

- Vamos, Isha, estamos quase lá! ... Nix estava exausto, queimado e quase desistindo. Ele já havia carregado sua irmã nas costas por horas, caminhando em passos rápidos e sem pausa.

- Podemos descansar um pouco, Nix?

- Eu quero deitar, ela disse com aquela voz fraca, mas ainda viva.

- Tudo bem, estamos passando o parque ecológico. Vou deitar você no banco mais próximo. Este parque ficava a menos de 10 km do destino final deles.

Mais alguns passos e Nix pôde repousar sua irmã em uma das estações de almoço do parque. Ele também precisava dessa pausa... seu coração batia rápido. O som dentro do peito era alto e ele parecia que poderia explodir a qualquer momento. Nix se deitou na grama e tentou com todas as forças não perder a consciência para a dor e o cansaço.

- Obrigada, querido irmão, você já fez muito por mim, disse Isha, enquanto colocava a arma rudimentar que roubou do estuprador bem entre os olhos, pronta para se matar. Nix olhou para ela e quando viu a cena gritou com uma voz rouca e sombria.

- Abaixa essa merda, se você apertar o gatilho eu te mato... Enquanto falava, ele pegou a pistola do seu pai presa pelo elástico dos shorts e apontou para a cabeça de sua irmã. Ela começou a rir bem baixo, tossindo esporadicamente durante a risada.

- Você vai me matar antes que eu me mate?! ... Isha disparou a rir desesperadamente.

- To falando sério, abaixa essa merda, eu não te carreguei até aqui para você se matar, porra! ... Com os nervos à flor da pele, Nix gritou prestes a se perder no choro, mas segurou. Não era comum um Maevidiano se desesperar e deixar sentimentos dominarem o raciocínio, mas pouco restava da lógica em tal situação.

- Perdeu a noção, retardado! Eu vou matar nós dois, você não consegue mais me carregar e mesmo que alcance o destino, quem garante que vão nos colocar para fora desse forno?... disse ela, sorrindo como um último sopro de vida encarnada.

- Cala a merda da sua boca, a gente vai sair vivo, vai sair vivo... Ele baixou a arma e se deitou do lado da irmã, já sem nenhum controle dos sentimentos e controlar os sentimentos foi a lição número um desde que Nix se conhece por gente.

- Não acredito nisso!... Ela largou a arma no chão, fechou os olhos e continuou.

- Você conseguiu pirralho, me fez desistir do suicídio, ameaçando me matar.

- Para com isso, sua maluca de merda, quer jogar todo meu esforço no lixo, você não morre enquanto eu respirar, ele disse, rindo mentalmente no final da frase.

- Eu morro quando eu quiser! Seu... Isha desmaiou...

- Não, não, não, assim não!... Nix disse, colocando seu ouvido de encontro ao coração de Isha, que ainda estava batendo. Vamos sair desse planeta, eu te prometo, nós dois vivos! Eles estavam a poucos quilômetros do Centro de Inteligência, quase no centrinho comercial que atendia os funcionários. Ele a pegou no colo. O sangramento já havia parado, seguiu caminho, quase desmaiando, desidratado e dolorido, mas isso não era, não foi e nunca será o suficiente para impedi-lo de ajudar alguém que ama. Após quase uma hora, eles chegaram no centro. Os centros comerciais de Maeviden, naquela época, não eram muito diferentes dos de vocês atualmente: prédios, lojas, restaurantes e tudo mais que fosse necessário para atender a população local.

Quando os dois jovens chegaram à avenida principal, Nix caminhava pela via central, bem no meio dela ele observou os prédios destruídos e alguns corpos incinerados nas calçadas, mas não ouvia vozes sofridas, como no seu bairro residencial. O silêncio era mais alto que qualquer grito que tinha ouvido no trajeto. Ele conseguia ver o Centro de Inteligência bem no final da avenida e no final do horizonte percebeu as estruturas mecânicas, apenas o topo delas, pontiagudas e brilhantes.

- Chegamos, Isha, conseguimos!... Ao terminar a frase, ele tropeçou em um pedaço de carne, achou que era uma perna, seu corpo não conseguiu conter o desequilíbrio e foi ao chão junto com sua irmã, que estava deitada sobre seus ombros... ambos atingiram o asfalto. Nix estava tão fraco e focado em segurá-la em seus braços, que não conseguiu aparar a queda... bateu com o rosto tão forte no chão, que apagou. Como Isha já estava desacordada, ambos ali ficaram deitados, estirados em meio ao fogo e à destruição.

Aquele centrinho comercial era um lugar bem movimentado; o Centro de Inteligência de Maeviden era o maior complexo do governo e como a sua história levou aquela sociedade a um governo mundial, toda área de pesquisa, desenvolvimento, controle e

manutenção do poder, estava localizada ali. Cerca de 15.000 funcionários públicos transitavam no local e, por consequência, uma pequena cidade se formou nos arredores.

O povo do planeta se desenvolveu tecnologicamente tanto, que a noção de diferentes etnias como vocês tem aí, em Mater deixou de existir. Com algumas décadas de manipulação genética, eles desenvolveram novos corpos. Imagine vocês trocarem um carro velho por um avião de última geração. Foi uma iniciativa do Centro de Inteligência, e, com o passar dos anos, as novas gerações nasciam nestes corpos super otimizados para viver mais e com maior qualidade.

Depois dessa breve explicação, vamos voltar para o momento da história em que eu me encontrei com eles, a fraternidade branca já havia me informado deste momento e pediu para aguardar, mas, pela primeira vez da minha vida, olhando aquele planeta ser destruído, eu cheguei a duvidar dos planos deles...

- Vocês chegaram, crianças! Poucas vezes na minha vida deixei de confiar no destino, mas dessa vez, eu quase abandonei as esperanças, falei olhando os dois. Sabia que eles não estavam ouvindo nada. Duas crianças, quase morrendo. Senti uma alegria quando os encontrei de acordo com os caminhos do frágil destino, pois isso reforçou que nosso trabalho ainda estava de acordo com todo plano cósmico. Cheguei perto dos dois e, utilizando algumas palavras de poder junto com a intenção de salvá-los, levitei seus corpos até meu pequeno ateliê. O caminho foi curto, mas, de verdade, eu nunca gostei muito de ver planetas morrerem. São tantas consciências desencarnadas em tão pouco tempo, que a energia residual de suas passagens me deixa bem mal! Por mais que eu sempre carregue comigo um cristal de proteção energética, ainda consigo sentir a frustração e desespero...

- Chegamos, deixe eu preparar algumas coisas antes da nossa partida e logo chegaremos em Mater. Acomodei seus corpos nas poltronas da recepção do meu ateliê e fui para a salinha do fundo, onde eu tinha todas as ferramentas necessárias para ativar um Merkaba energético grande o suficiente para levar todo meu ateliê até outro planeta. Eu gostaria de descrever melhor o lugar em que estamos ou também quais os utensílios necessários para nossa viagem, mas ainda temos muito pela frente, por isso, vou apenas explicar o motivo pelo qual viajar para Mater era a melhor opção para os Maevianos ... e para nós três.

Logo antes da destruição de Maeven, os mestres ascensionados de Mater, em conjunto com o Serviço Magnético e seu líder, materializaram em Atlantis uma árvore da vida, contendo onze vórtices energéticos capazes de captar energia viva. Apesar de nove deles já estarem ocupados na época, dois ainda pulsavam, atraindo consciências vivas. Por isso, os Merkabas Maevianos foram levados para Terra ou Mater, chame como preferir, e toda vida sobrevivente deste planeta aterrissou nos locais onde habitavam tais vórtices energéticos para receber seus novos habitantes. Alguns postulam que tal movimento dos mestres tenha ocorrido em erro, mas o destino não erra. Maeven e Mater se encontraram seguindo um propósito, este ainda mal interpretado até hoje!

Preciso prosseguir com um pouco mais de informação técnica a respeito da história da evolução da consciência em si para que algumas informações futuras e passadas estejam mais claras com o decorrer dos acontecimentos, mais especificamente, sobre o experimento realizado em Maeven, que na ocasião ficou conhecido como experimento de Samael.

Desde o princípio da criação, tudo é apenas uma experiência, a própria criação em si é apenas a consciência criando e habitando a si própria. Não existe plano divino, o espírito permanece livre e pode fazer o que quiser. Desta forma, caso um espírito decida isolar-se do resto de toda consciência cósmica e criar uma realidade totalmente separada para si mesmo, ele também será capaz de fazer isso; alguns de nós chamamos este fenômeno de Experimento de Samael. Como diria meu velho amigo Emmanuel, em toda consciência reside a partícula do criador, ou seja, porque o espírito é Deus, ele pode fazer isso e não há nada de mal. Muitos foram levados a acreditar que Samael era alguém mal, mas isso não é necessariamente verdade, ele apenas tinha outra maneira de perceber a realidade, não sendo uma concepção da consciência como unidade. Ele enxergou a dualidade no cosmo e existe até um padrão na flor da vida para isso.

Toda tentativa de reproduzir o Experimento de Samael durante a história do universo resultou em fracasso. Como aconteceu em Maeven, a espécie vai se separar totalmente de sua verdadeira origem, a unidade. O que sempre acontece nesses planetas é que a maioria das pessoas fica egoísta e gananciosa; não existe mais compaixão pelos seus semelhantes e no fim, toda uma espécie termina em guerra, matando a si próprios.

Há mais de 1 milhão de anos atrás, os seres de Maeven uniram-se ao Experimento de Samael e falharam miseravelmente. Basicamente, se separaram da unidade do universo, criando sua própria realidade. Quando os Maevianos cortaram seus laços com a consciência cósmica, tornaram-se, em esmagadora maioria, seres puramente lógicos e sem emoções. E a guerra, bom... a guerra nunca muda! Maeven se tornou um campo de batalha e, eventualmente, ficou claro que o planeta não iria sobreviver; por isso, eles decidiram explodir a sua atmosfera e destruir toda superfície...

Chega de introduções, o prólogo que sua história precisa termina aqui! Vamos avançar no tempo e contar como um rapaz Humano e uma garota Lemuriana tentaram salvar o caminho evolutivo de toda uma espécie...